



Director literario:
Alcides Pimenta
PAPIM

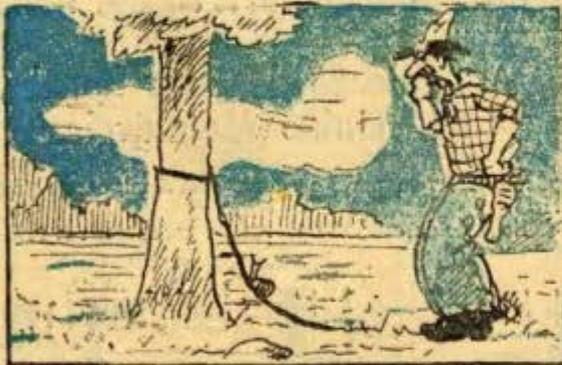
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
João Pius
PAPUSSE

UMA SURPRESA

Desenhos de João da Gama Pimentel Barata



O «cow-boy» Crista de Galo ao despertar da soneca, dá por falta da «pileca» que era o seu rico cavalo.



De bochechinha vermelha, algo intrigado, o «cow-boy» murmura, raivoso: — «foi, por certo, o Raposa Velha...»

Pondo-se, logo, a jurar que há-de outra vez apanhá-lo, vai buscar outro cavalo que põe no mesmo lugar.



Tendo primeiro a cautela de lhe amarrar ao «rabicho» dois sinos e uma panela que estavam, perto, no lixo.



De novo se repimpelha continuando a soneca; emtanto ao pé da «pileca», eis surge Raposa Velha.

Monta-o, sem perder a linha, com todo o desembaraço. Mas é tal o estardalhaço que o resto bem se adivinha

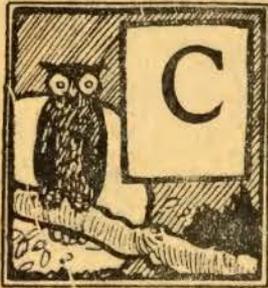
A obra de mestre Hilário

Novela infantil por

AUGUSTO de SANTARITA

Desenhos de E. VALTA

(Continuação do número anterior)



OMO, porém, alguns não quizessem deixar o trabalho, principiaram a generalisar-se graves conflitos que levaram Severino Reis a telefonar para o ministério do Interior a reclamar providências.

E, cada vez mais, o borbirinho aumentava.

Irritado com a desordenada atitude do seu operariado que, em baixo, rugia, ameaçadoramente, soltando mil imprecações, Severino Reis encaminhou-se para a galeria, que circundava a oficina, e a ela se debruçou, numa atitude severa de recriminação que, mais ainda, fez exasperar o amotinado pessoal.

cundava a oficina, e a ela se debruçou, numa atitude severa de recriminação que, mais ainda, fez exasperar o amotinado pessoal.

A estranha tactica política de Franklim Joice

Tendo aprendido com Mestre Hilário, na *Grande Confederação*, que as massas populares se guiam mais pelo Sentimento do que pela Razão, Franklim Joice, ao assumir o governo do seu país, adotara uma estranha tactica governativa, com o fim de pacificar o ânimo exaltado dos seus adversários. Resolvera dirigir-se pessoalmente às mães, esposas ou filhas dos seus inimigos políticos, pedindo-lhes a

dôce intervenção, evitando, assim, a violência da força e todo o poder da sua autoridade.

De tal modo conseguia insinuar-se que era quasi sempre acolhido com simpatia pelas *deusas do lar*, como Franklim Joice eloquentemente classificava as mães, esposas ou filhas dos seus adversários.

Seguindo a estranha norma, era já a terceira vez que Franklim se dirigia ao lar de Zé Falcão, que raro permanecia em casa, e pela terceira vez que era escutado, quasi em cxtáse, pela mãe e pela filha do grande influente e agitador político.

Eivado de falsas noções, Zé Falcão era, contudo, um nobre coração que uma paixão idealista, mas inacessível, desviara do bom caminho. Cónscio desta verdade, que abrangia em geral todos os seus antagonistas, a Franklim Joice repugnava o abuso da sua força a que só, em última instancia, recorria.

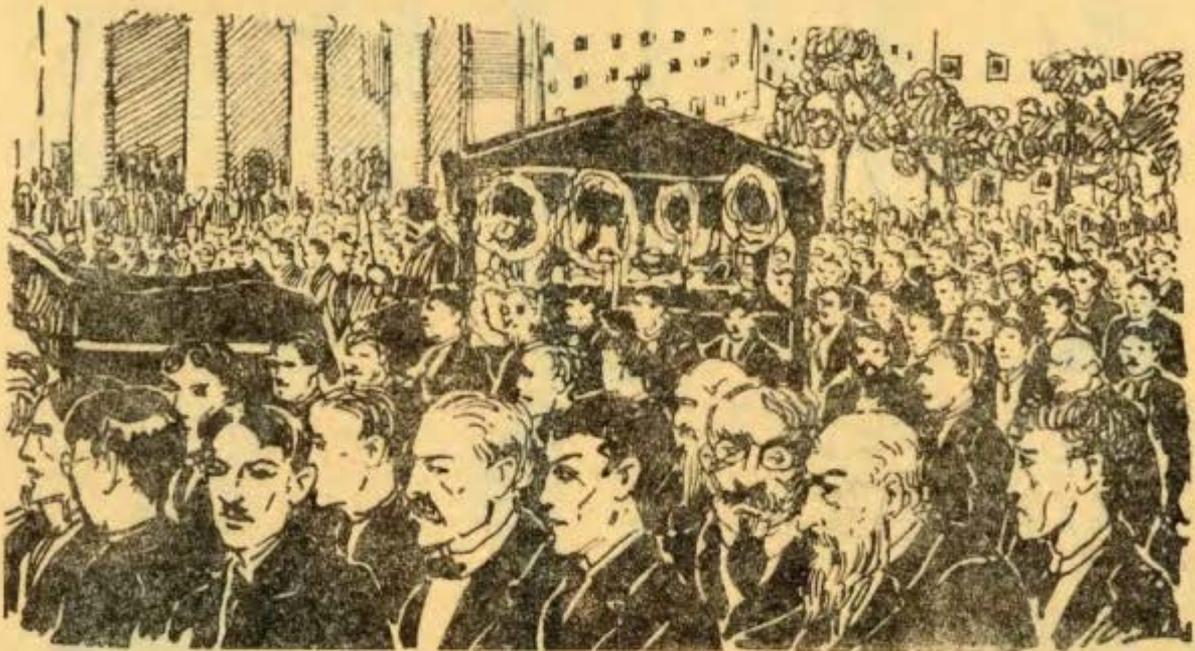
Com o que não contara, porém, Franklim Joice, ao pretender conquistar um adversário, era sentir-se conquistado pela graça imensa de Valentina que, sentindo-se também rendida ao seu prestígio, dêle se enamorara loucamente. Entanto...

A explosão de uma bomba na «União Metalúrgica»

põe às portas da morte o grande industrial, e seu proprietário.

No meio da confusão provocada por sucessivos conflitos,





ecoou, súbitamente, uma detonação estrondosa que fez oscilar, como um tremor de terra, o proprio solo e as grossas paredes da grande oficina. Uma nuvem de fumo, pó, areia e estilhaços, como lava irrompendo duma cratera, nublou, momentaneamente o espaço e uns abafados gemidos, entre a fuga espavorida dos operários, então se ouviram, implorando socorro, precisamente no instante em que três esquadrões da guarda republicana se aproximavam do edificio, à cuja entrada, petrificado, branco como um cadáver, Zé Falcão, de olhos esbugalhados e de mãos na cabeça, olhava, parvamente, o grande cataclismo.

Recebida à pedrada, e entre subversivos brados de «*abaixo a Tirania*» e «*morras à autoridade*», por uma parte dos revoltosos, a guarda republicana viu-se obrigada a fazer fogo, ferindo ligeiramente alguns operários e prendendo outros que, em lugar de fugirem como a maioria, deliberaram render-se nobremente à fôrça, seguindo o exemplo de Zé Falcão que foi o primeiro a entregar-se.

Restabelecida a ordem, transpunha, agora, o amplo portão da fábrica uma improvisada maca que, transportada por quatro homens, conduzia o grande industrial gravemente ferido, a caminho dum automóvel que o aguardava perto; enquanto, escoltados por dois esquadrões, um magote de operários seguia sob prisão.

Quem diria à pobre D. Ana e a Valentina, que enleadas na palavra eloqüente de Franklim Joice prosseguiam na curiosa entrevista, a horrível tragédia que, naquele mesmo instante, se desenrolava na fábrica?!

Amor compartilhado

Era já tão grande a familiaridade de Joice em casa de Zé Falcão, que D. Ana, vendo que Franklim se demorava conversando com Valentina, pediu licença para os deixar, a sós, enquanto ia tratar do almoço a enviar ao filho e que este, por volta do meio dia, costumava receber na fábrica.

Vendo-se, súbitamente, a sós, com Valentina, Franklim achou azado o momento para lhe confessar o grande amor que lhe votava e uma alegria imensa lhe inundou toda a alma ao ouvir dos lábios de Valentina a pudibunda e tímida expressão de um amor não menos veemente e apaixonado.

Entretanto D. Ana reaparecia, exclamando: — «*Pronto. Está preparado o almoço para teu pai*». Mas, reparando nas horas que um pequenino relógio ia marcando, sobre uma «*étagère*», acrescentou, surpresa: — «*Já! uma hora já! Porque não tetta teu pai, mandado buscar o almoço?!*»

Como despertado dum bellissimo sonho, Franklim Joice aegueu-se, súbitamente, e por sua vez, exclamou: — «*Como?! Já uma hora?! Em sua casa, minha senhora, o tempo passa numa vertigem. Dê-me licença. Hoje, às duas horas, tenho que presidir a um conselho de ministros.*» E, beijando a «*enrugadilha*» mão de D. Ana e apertando longamente a de Valentina, Franklim Joice dirigiu-se para o automóvel que, à porta, com os respectivos *chauffeur* e correio de ministros, fardados, o aguardava há já quasi três horas.

Assim que, na curva da estrada, o carro se sumiu, Valentina, mal contendo a sua imensa felicidade, desabafou com a querida avózinha que tinha por Franklim uma afecciosa e grande simpatia.

E foi com um mixto de desvanecido orgulho, receio e alvoçoada alegria que D. Ana abençoou sua neta e lhe expressou o desejo de que Deus quizesse proteger aquele Amôr de condição desigual.

Ao chegar ao Ministério, Franklim Joice recebeu, com grande mágua e surpresa, a noticia dos graves acontecimentos ocorridos na «*União Metalúrgica*». De que Severino Reis acabava de soltar o último suspiro, vítima dum atentado bombista; de que o autor do atentado se encontrava já prêso e, bem assim, tresentos e tantos operários entre os quais se incluia o Mestre Zé Falcão, chefe e inspector da fábrica.

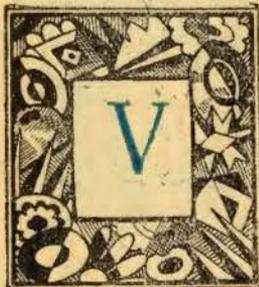
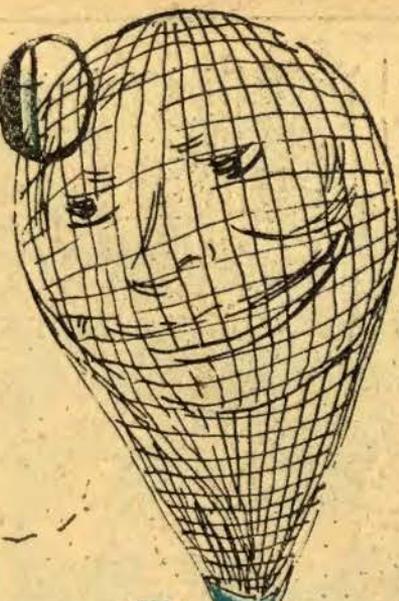
Franklim Joice, que recebera a estranha noticia com a sua habitual serenidade, ao ouvir pronunciar o nome de Zé Falcão, fez-se excessivamente pálido e deixou-se cair, profundamente abatido, na sua grande cadeira do gabinete ministerial. A imagem de Valentina, chorando e implorando misericórdia, surgiu imediatamente em sua frente, projectada no *ecran* da sua imaginação.

No dia seguinte, atravessava as ruas de Lisboa, entre compacta multidão de povo, o funeral do grande capitulista.

(Continua no próximo numero)

O BALÃO MÁGICO

conto de Rosa Silvestre
bonecos de
A.M.



AMOS lá acima, ao monte, para o balão subir mais alto? — disse o Ninito, que era atrevido.

— Pois vamos! — concordou logo Didinha, sem se lembrar de que era muito pequena e as suas perninhas não agüentavam, ainda, grandes caminhadas.

Lá foram, ele à frente, ela um pouco mais atrás, subindo a encosta.

— Custa a chegar, ó Ninito!

— Ora, mas no fim sabe bem.

Agarra-te ao meu braço, para não te causares.

— Eu quero andar!

E seguiam sempre, subindo, esquecidos das recomendações da mãe, que não queria que eles se afiassem de casa.

Já iam bem longe... Mal avistavam o telhado vermelho por entre a ramaria das árvores.

Deixá-lo! iam divertir-se a valer, vendo o balão subir tão alto como as nuvens.

— Olha que lindo! — disse o Ninito, parando, a meio do caminho. — Vê-se daqui o mundo todo!

— Eu gosto mais do nosso jardimzinho — respondeu a Didinha, muito vermelhita de andar tanto.

— É so mais um bocadinho. Estamos quasi lá em cima. Andaram, andaram, e, por fim, conseguiram chegar ao ponto mais elevado do monte.

— Agora vamos deixar subir o balão! Uma, duas, três... Lá vai ele!

Efectivamente, o balão, muito redondo, subiu, subiu, com uma certa cautela, como se tivesse medo de se arriscar, sozinho no espaço infinito.

De repente, porém, deu um puxão forte no cordel, que o Ninito segurava com toda a força, e arrebatou o pequeno por esses ares fóra.

A Didinha, muito assustada, quiz agarrar o irmão, mas, — isso sim! — parecia um passarito, patrando no céu, muito agarrado ao fio, com medo de cair.



A pequenita ergueu os olhos e viu uma coisa espantosa: o balão transformara-se numa cara enorme, que até parecia a lua cheia, com um nariz muito comprido, uma boca que ia, quasi, de lado a lado e uns olhos que brilhavam imenso e tinham o ar de quem está troçando.

Era bruxaria, com certeza!

— Ninito! Ninito! — gritava ella a chorar, muito afflicta. Mas, o irmão já ia tão alto que nem a ouvia.

Vendo-se ali sozinha, a menina pensou que o melhor era voltar para casa e, conforme poudo, começou a descer a encosta, que tanto lhe custara a subir.

Entretanto, o Ninito atravessava montes e vales, com uma velocidade incrível.

— Para onde me levas?! — perguntou elle ao balão.

Porém, em vez de lhe responder, a carantonha soltou uma gargalhada e seguiu na sua carreira vertiginosa.

Por fim, principiou a descer lentamente e pousou numa árvore, à beira dum rio. O menino agarrou-se, logo, aos ramos e, fazendo equilibrios, para não cair, procurou chegar ao chão.

Quando olhava para baixo e via a água a correr, muito tranqüila e brilhando ao sol, como se fôsse um espelho, tódo elle se arripiava, pensando que, se ali caísse, certamente morreria afogado.

Lá se agüentou, chegando cá abaixo sem novidade de maior, a não ser os calções tódos rasgados.

Pôs-se a espreitar por entre a folhagem, para vér se o balão ainda lá estava; mas, logo que deu com os olhos nêlle, a tal cara deitou-lhe a língua de fóra e partiu, outra vez por êsses ares, até se sumir entre umas nuvens tão brancas como o algodão em rama.

Apoquentado, sem saber o que faria à sua vida, o pobre do Ninito sentou-se na relva e começou a chorar.

Ouviu, então, uma espécie de zumbido e quiz vér o que seria.

Ficou espantado! A sua volta, formando uma roda, de mãos dadas, um grande número de rãs dansava alegremente.

— Ora, até que entim, temos com quem brincar! — diziam ellas. — Queres vir comnosco tomar banho?

— Mas.. eu não sei nadar! — responden o pequeno.

— Não faz mal; nós te ensinamos...

Levaram-no para a beirinha do rio; calçaram-lhe umas

botas de cortiça e puzeram-lhe na cabeça um capacete de vidro.

— Agora, podes mergulhar. — disseram ellas.

E, sem darem tempo a que elle reflectisse, atiraram-no para dentro da água.

A principio, o Ninito teve o seu susto muito regular; mas, depois, habituou-se e deixou-se levar pelas suas novas companheiras, até ao fundo do rio.

Viu coisas muito bonitas: pedras reluzentes, peixinhos de mil côres e flôres mais formosas do que as do seu jardim.

— Isto é bem bonito, — pensava elle. — Que pena a Didiinha não ter vindo também!

A certa altura, porém, começou tudo a escurecer e a água ficou turva como se tivesse sabão.

— Vem depressa, vem depressa! — gritaram as rãs, que o tinham acompanhado. — Escondamo-nos aqui!

Empurraram-no para dentro dum buraco escuro e entraram logo atrás dêlle.

— O que succedeu?! — perguntou o pequenito, já pouco satisfeito.

— E o Dragão da Floresta, que vem tomar banho, e, se nos apanha, come-nos.

— Ele é assim tão máu?!

— Sabes lá! Deita fôgo pela bôca e tem umas garras que parecem punhais. Dizem que tem muitos tesouros escondidos; mas, ninguém lá pode chegar enquanto elle fôr vivo.

O Ninito que era atrevido e curioso, teve logo desejo de vér o Dragão.

— Com êste capacete, com certeza que elle não me pode fazer mal. Deixem-me sair daqui.

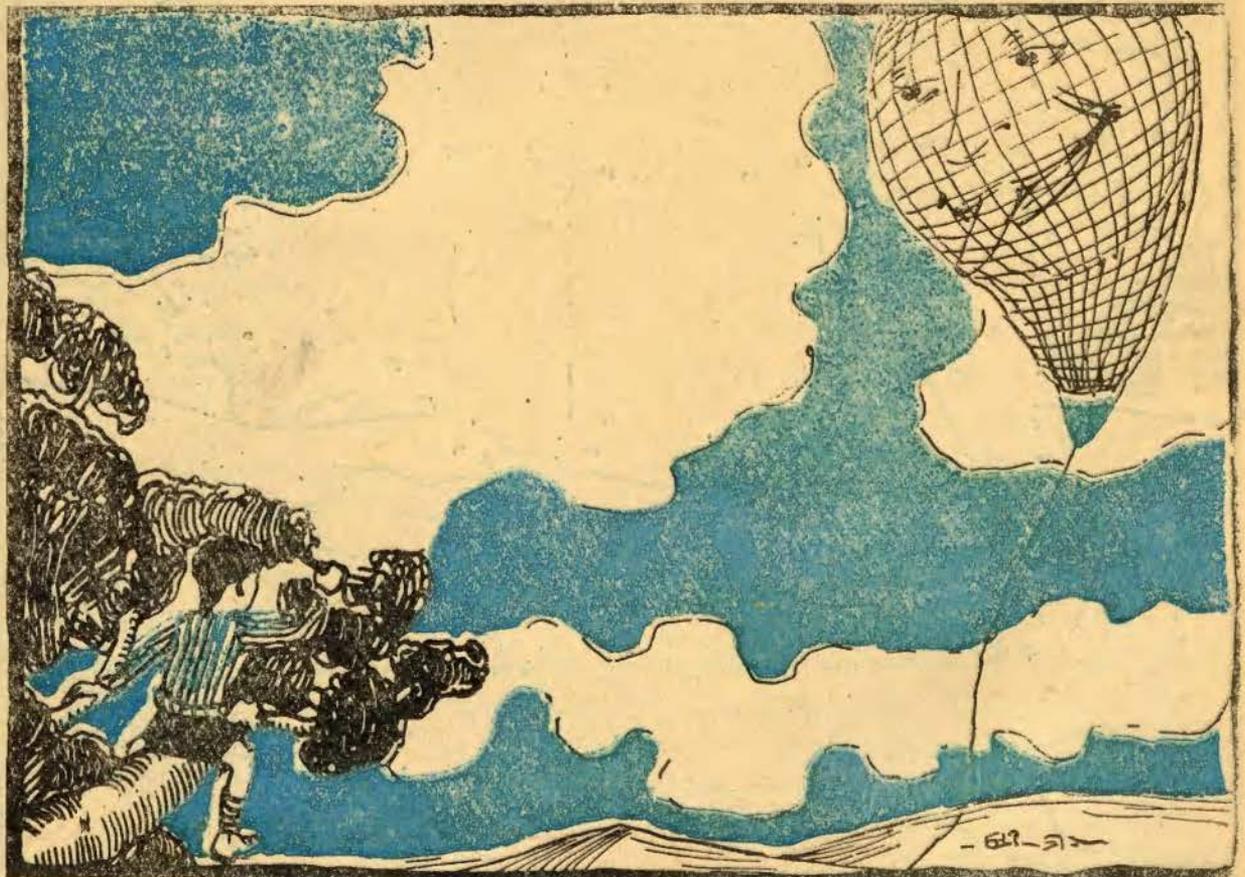
— Olha que elle mata-te!

— Isso é que nós havemos de vér!

O nosso herói saiu do esconderijo e foi ao encontro do terrível monstro, que, mal o avistou, abriu uma bôca enorme, capaz de o engulir duma só vez.

Ninito pensou que tinha chegado o fim da sua vida; fechou os olhos e deixou-se ficar à espera.

Qual não foi o seu espanto quando, uns minutos depois, ao pensar que já estava no estômago do Dragão, abriu os olhos e se encontrou num palácio lindíssimo, cheio de flô-



res, entre damas e fidalgos, ricamente vestidos de brocado e pedrarias.

Todos lhe faziam muita festa, dizendo:

— És um valente! Vamos levar-te à presença do Rei.

Pegaram-lhe ao colo e conduziram-no a uma sala maravilhosa, com um trono de ouro, onde estava sentado o Rei.

Este era ainda novo e recebeu-o com muita alegria.

— Vem cá, pequeno. Eu sou o Rei da Maravilha. Prestaste-me um grande serviço, sem o saberes. Eu estava condenado a viver transformado em dragão, porque um dia caí no desagrado da Feiticeira do Bosque, que tinha grande poder. Essa feiticeira morreu, sem ter quebrado o encanto e eu só podia retomar a minha forma humana, quando aparescesse alguém que não fugisse de mim.

Tu tiveste essa coragem; devo-te a vida e a dos meus cortezãos, que passaram muitos anos transformados em árvores e rochedos, à espera de que chegasse o herói, que nos havia de salvar.

Que queres tu em recompensa?

Ninito respondeu logo, sem hesitar:

— Quero voltar para junto da minha mãe, que é viúva, e não tem mais ninguém no mundo, senão eu e a minha irmãzinha.

— Como vieste tu aqui parar?

O menino contou a aventura do balão e todos lhe acharam muita graça.

— Não sabes quem era esse balão? — perguntou o Rei.

— Não sei,

— Era o bôbo da minha corte, que há muitos anos andava por esse mundo a vê se conseguia descobrir quem fôsse capaz de nos salvar.

Aqui o tens.

Efectivamente apareceu o bôbo, cheio de guisos, com o mesmo nariz muito comprido, a mesma boca enorme e os mesmos olhos trocistas,

— Não me enganei! Pareceste-me um rapazinho valente, por isso te trouxe comigo.

O Rei mandou logo preparar uma carruagem e, depois de dar ao pequeno muitos presentes, que valiam uma fortuna, ordenou que o acompanhasse, até a casa, pois a mãe devia estar em cuidado.

— Sempre que queras alguma coisa, recomendou-lhe ele, procura-me e tudo te farei.

Ninito agradeceu muito e partiu, cheio de contentamento e ansioso por tornar a vê a mãe e a irmã.

A viagem foi longa; quando chegaram, a pobre viúva estava lavada em lágrimas, julgando que o filho tinha morrido. Ao vê-lo junto de si, ia morrendo de alegria.

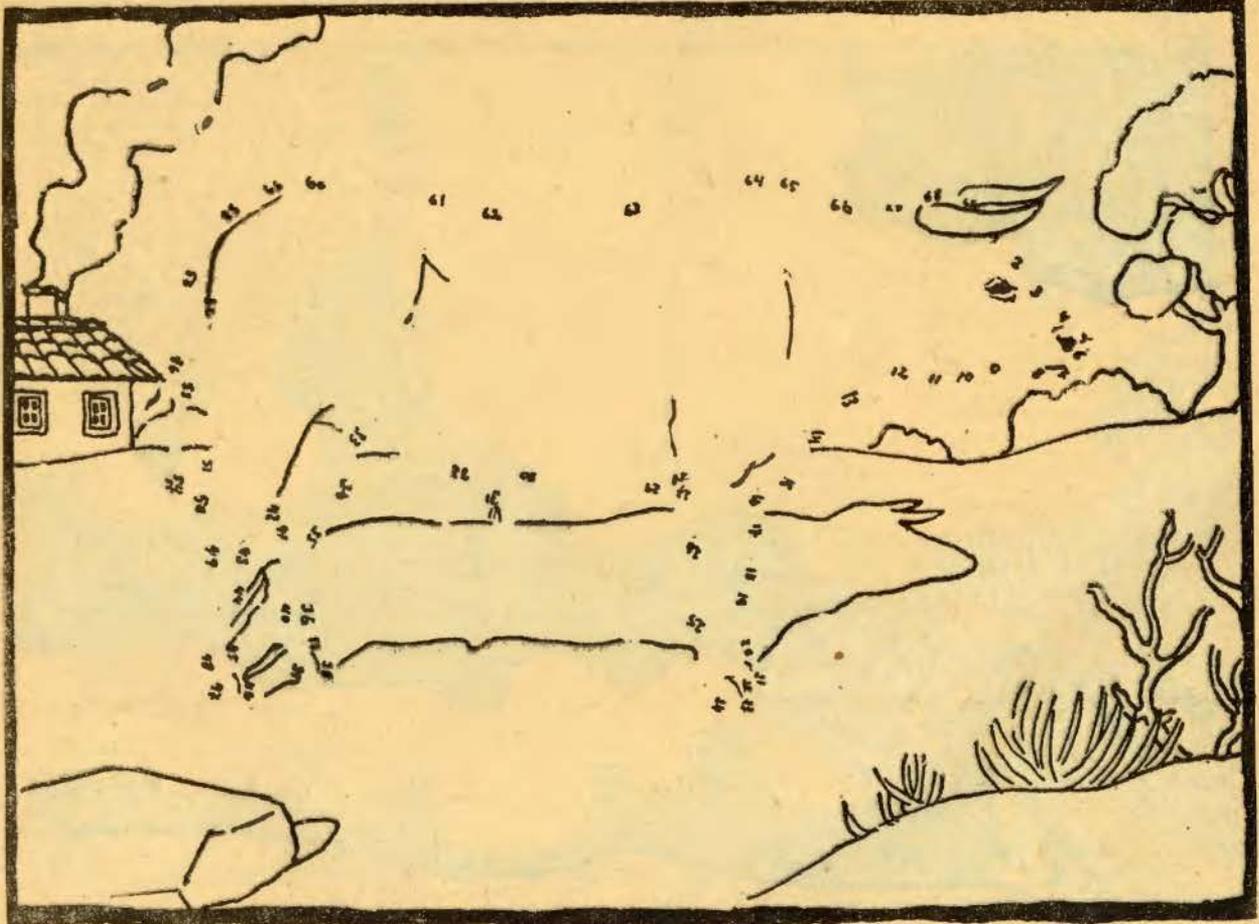
A Didinha chorava e ria, ao mesmo tempo.

Foram, depois, muito felizes, vivendo sem cuidado, graças aos presentes do Rei da Maravilha.

De vez em quando o Ninito, que se fez um belo rapaz e foi sempre bom estudante, ia visitar o seu protector; mas nunca se deixou deslumbrar pelas grandezas da corte, preferindo a vida tranqüila junto da mãe e da irmã de quem era amicíssimo.

Tinha uma particular predilecção pelo bôbo; levava-lhe sempre guloseimas que ele muito apreciava e quiz tirar-lhe o retrato para, mais tarde, quando tivesse filhos, lhes mostrar o *balão mágico*, que o tornára salvador do Rei da Maravilha.

F I M



— BONECO PARA TRACEJAR e COLORIR —



Rolando,
Correndo,
Voando,
Trazendo
Consigo os pézitos gentis
De loiros bebês,
Que os seguem, sorrindo,
De rosto feliz,
Lá vêm os arquinhos,
Saltando, fugindo,
Tão leves, branquinhos!
Arquinho, que lindo és!
Mas se são pézitos

Frios, descalçitos,
De algum pobrezinho,
Que o arco precede,
Não vem menos lindo!
E o arco de lata
Lá vem a caminho,
Saltando, fugindo,
E luz como prata!
O espaço não mede
Os pés vem trazendo
Rolando
Correndo,
Voando...

Adivinha e solução dos problemas anteriores

Substituir os pontos por letras e formar 14 nomes masculinos, começando todos pela letra A.

- | | |
|----------|----------|
| ...A.. | ...A... |
| ...B... | ...B.... |
| ...C... | ...C.... |
| ...D.. | ...D.... |
| ...E... | ...E.... |
| ...F... | ...F.... |
| ...G.... | ...G.... |

Nomes do Problema anterior

- | | | |
|----------|------------|----------|
| Viana | Porto | Santarem |
| Coimbra | Lisboa | Penafiel |
| Vizeu | Lamego | Guarda |
| Leiria | Portalegre | Tomar |
| Alemtejo | Braga | |

Decifração da adivinha em verso: —Piano

O BALOIÇO



POR
MARIMÍLIA

BONECOS DE B. C.



Téco e Néco,
Dois pretinhos
Chegadinhos
Da Guiné,
E o Rabéco,
O seu cão,
Eis que estão
No baloiço! *Pois intão*
Comi e?

Já fartinhos
De brincar,
O que haviam de inventar
Os pretinhos?
A tábua foram buscar
Ao quintal dos seus vizinhos,
(Coisa feia! Não se faz!)
E, então, tólios, — catrapaz! —
Arranjaram um baloiço!

Bem os oiço
A gritar;
— Vai abaixo! Vai ao ar!
E em meio dum tal escarceu
O Rabéco faz *béu béu!*
A mamã destes pretinhos
Muita vez tinha ensinado
que é pecado
Tirar coisas aos vizinhos.

Téco e Néco são ladinos
E, então, os feios meninos,
Sem de nada se importar,
Lá estão, agora, a gritar,
— Sobee, Téco!
* — Desce, Néco!
— Vai abaixo! — Vai ao ar!

Vejam bem esta verdade;
Ninguém faz uma maldade

Sem o castigo apanhar!
A sebe é velha e fraquinha;
E com o peso de Néco,
Do irmão é do Rabéco,
Vai chiando, coitadinha...

Chia chia
... e ...
quem diria?
Téco e Néco,
Dois pretinhos
Chegadinhos
Da Guiné
E o Rabéco
O seu cão,
Catrapuz! Foram ao chão!...
Pois intão,
Comi e?